

# O SUTIL DISTANCIAMENTO DE DEUS ENTRE OS CRISTÃOS\*\*

Neuda Batista Mendes França<sup>1</sup>

**Resumo:** Tem crescido, na contemporaneidade, o número de ateus e de influências ateístas nas formas de pensar e agir de muitos indivíduos, inclusive entre aqueles que acreditam em Deus. As preocupações cotidianas advindas da sociedade moderna, tem ocupado, paulatinamente, mais espaço na vida dos crentes do que as preocupações com o pecado, a morte, o inferno, o paraíso, entre outros. Diante disso, faz-se oportuno indagar: Com o avanço do ateísmo, estaria, o mundo, tornando-se ateu? Os teístas estão abandonando o seu sagrado? Este artigo busca assim, analisar a impregnação sutil de concepções e ideais ateístas no pensamento religioso dos indivíduos pós-modernos, na busca de compreender o crescente desligamento de Deus observado nas atitudes e nos discursos dos crentes.

**Palavras-chave:** Ateísmo. Pós-modernidade. Religião.

**Abstract:** The number of atheists and atheistic influences has increased in the contemporaneity in the ways of thinking and acting of many individuals, including among those who believe in God. The day-to-day concerns of modern society have occupied, gradually, more space in the lives of believers than concerns about sin, death, hell, paradise, among others. In view of this, it is appropriate to inquire: With the advance of atheism, is the world becoming atheist? Are theists abandoning their sacred? This article searches, thus, to analyze the subtle impregnation of atheistic conceptions and ideals in the religious thinking of postmodern individuals, in the quest to understand the growing detachment of God observed in the attitudes and discourses of the believers.

**Keywords:** Atheism. Postmodernity. Religion.

## Introdução

Vivemos numa sociedade marcada pelo discurso do respeito à diversidade, ao pluralismo de opiniões e ideias, em que, paralelamente, predominam o imediatismo, o egocentrismo, a virtualidade, entre outros. Nesse contexto, deparamo-nos com o aumento do número de ateus. Em 1900 haviam 220 mil ateus no mundo e, de acordo com a Enciclopédia cristã mundial, esse número saltaria para 262 milhões, no ano 2000 (MINOIS, 2014, p. 697). Esse número vem crescendo, promovendo mudança de pensamento que os ideais ateístas têm suscitado, inclusive, entre indivíduos teístas, que acreditam em Deus.

---

\*\* Recebido Em 5 de outubro – Aprovado em 28 de outubro.

<sup>1</sup> Pedagoga, professora de ensino fundamental na Escola Municipal Dona Maria Divina da Silva em Barro Alto-GO, especialista em Mídias Educacionais, mestranda em Ciência da Religião pela PUC/GO. Email: [neudabmf@hotmail.com](mailto:neudabmf@hotmail.com).

Desde o século passado, marcado pelas teorias do desencantamento do mundo e da racionalidade científica, Georges Minois, partindo das teorias de André Malraux, lançou a indagação: “O século XXI será irreligioso?” (MINOIS, 2014, p. 725). Para Malraux (*apud* MINOIS, 2014, p. 725), “a tarefa do próximo século [21], diante da mais terrível ameaça que a humanidade conheceu, seria a de reintegrar os deuses”. Continua o autor que, “os deuses são apenas tochas acesas uma a uma pelo homem para iluminar o caminho que o arranca da animalidade” (MALRAUX *apud* MINOIS, 2014, p. 725). Reiterou Minois que, o futuro permanecia inteiramente aberto, quanto à possibilidade de ser ateu (MINOIS, 2014, p. 725). No entanto, o mundo não se desencantou, nem tornou-se ateu, na verdade, o fenômeno religioso se remodelou.

### **ATEÍSMO: UMA BREVE CONCEITUAÇÃO**

Para falar de ateísmo é necessário compreender, fundamentalmente, que trata-se de uma concepção contrária ao teísmo. Esse último, derivado do grego *théos*, significa Deus. De forma simplificada, o indivíduo teísta é aquele que acredita na existência de um ou mais deuses, concebe o mundo a partir de uma visão religiosa, repleto de poderes divinos ou sobrenaturais, e, compreende a si mesmo como criatura de um ser sagrado ao qual, Rudolf Otto, caracteriza como, o numinoso, o *majestas*, o tremendo - referindo-se à soberania, força, poder, grandeza - e o *mírum* (transcendente, fascinante), entre outros atributos (OTTO, 1985, p. 14-20). Ateísta, é por conseguinte, o indivíduo que vive independentemente da fé, sem acreditar na existência de um ou vários deuses, de forma a não aceitar que existam forças misteriosas ou sobrenaturais agindo sobre o mundo e sobre si.

Georges Minois define:

O ateísmo tem uma história própria. Desde as origens da humanidade, ele é umas das duas grandes maneiras de ver o mundo: um mundo sem sobrenatural, um mundo em que o homem está só diante de si mesmo e de uma natureza regida por leis imutáveis. O ateu sente o subterfúgio por trás do conceito de Deus e o denuncia. Perseguido durante séculos, ele consegue direito de cidadania no século XIX e acredita que pode proclamar a morte de Deus, substituindo-o por seu próprio sistema de mundo. (MINOIS, 2014, p. 723).

Para Lacroix (1965), o mundo ateu moderno é fruto de uma determinada situação histórica.

Num primeiro plano, aparecem aos homens problemas que envolvem sua própria existência, e só depois, num segundo plano, surge a rejeição de Deus, como elemento indispensável para a solução destes problemas (LACROIX, 1965, p. 15).

Frisa Minois que “o ateísmo é tão antigo quanto o pensamento humano, tão antigo quanto a fé, e o conflito entre ambos é um traço permanente da civilização ocidental” (MINOIS, 2014, p. 722). Reitera Minois que,

[...] o ateísmo assumiu formas muito variadas, sucessiva e simultaneamente. Ateísmo de revolta, contra a existência do mal, contra as proibições morais, contra a limitação da liberdade humana, ateísmo especulativo ligado aos períodos de crise dos valores, atingindo ao mesmo tempo as classes ascendentes e as classes decadentes (MINOIS, 2014, p. 722).

Ao longo da história, o embate entre concepções religiosas e concepções ateístas, influenciaram mudanças de pensamento inclusive entre aqueles que creem, onde, os princípios ateístas ganharam e continuam ganhando espaço, sobretudo no contexto da pós-modernidade. Grande parte da humanidade se ocupa hoje mais em transformar o mundo do que em explica-lo – ou acredita pelo menos que não pode explica-lo sem o transformar, que ambos estão ligados (LACROIX, 1965, p. 30).

No seu significado mais geral, o ateísmo de hoje pretende ser a plena aceitação da condição do homem. O homem é um ser finito, contingente, explicando-se por uma situação que ele não criou; é responsável, porém, de si mesmo e dos outros, não podendo ler o seu destino num livro de sabedoria, nem no céu das ideias, mas devendo construí-lo dolorosamente sobre a terra dos homens (LACROIX, 1965, p. 63-64).

Nesse sentido, o ateísmo tem exercido influência no modo de muitos enxergarem o mundo de forma mais racional ao invés de sobrenatural e a si mesmos de modo mais autônomo ao invés de depender de um ser divino.

## **O INDIVÍDUO PÓS-MODERNO**

Pós-modernidade, conceituada por variados autores e modernidade líquida segundo Bauman, compreende-se como o processo de mudanças sociais e individuais do século XXI que modificaram fortemente a forma do ser

humano pensar e agir. Até então, segundo Bauman em seu livro *Modernidade Líquida*, o que era considerado sólido torna-se fluído, passível de mudança a todo instante, uma vez que, o líquido muda-se de forma rapidamente, sem a menor pressão. Nessa liquidez, profundamente marcada pela liberdade de movimento, nada é feito para durar, fato observável, por exemplo, na efemeridade das relações sociais e pessoais (BAUMAN, 2001). O contexto da efemeridade de Bauman, sugere a fragmentação do indivíduo, a transitoriedade humana, a crise identitárias. Nesse sentido, Hall (2006) conceitua que:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Segundo Minois, “agora, é o homem que prolifera, e quanto mais prolifera, menos tem valor. Ele se tornou tão comum que cada exemplar não vale mais grande coisa” (MINOIS, 2014, p. 729). Nesse contexto, o ser humano, atual, enfrenta grandes momentos de crise de identidade.

O período da pós-modernidade, traz consigo também, a superação das teorias da secularização, que caracterizava-se pela separação entre o religioso e o laico, relacionado ao afastamento das normas, das tradições e do movimento de retirar o sagrado do mundo, amplamente lembrado pela dessacralização do mundo retirando dele todos os elementos mágicos e sobrenaturais, entre eles Deus (ELIADE, 1992, p. 20).

Arnold Gehlen (*apud* Bauman, 1998), observou, no final do século XX que:

Cada vez menos pessoas agem na base da orientação pessoal e de valores interiorizados... Mas por que há cada vez menos pessoas assim? Obviamente porque a atmosfera econômica, política e social se tornou difícil de entender intelectualmente, e de cumprir moralmente, e porque ela muda num passo acelerado... num mundo em que tais coisas prosseguem, qualquer crença em princípios de orientação constantes corre o perigo de recusar esse mínimo de confirmação externa sem o qual ela não pode sobreviver (GEHLEN *apud* BAUMAN, 1998, p. 220).

Diante da disseminação constante dos valores pós-modernos - imediatismo, individualismo, consumismo, virtualismo, fragilidade das relações, crises identitárias, entre outros - são sentidos inúmeros impactos na religião observáveis nas atitudes dos fiéis, impregnadas de valores ateístas, embora talvez, por ora, perceptíveis às mentes mais atentas.

## **DESLIGAMENTO SUTIL DE DEUS ENTRE OS QUE CREEM**

O indivíduo contemporâneo, religioso ou não, está frequentemente exposto à uma série de preocupações que a organização da vida diária, atrelada ao ritmo frenético da pós-modernidade, a ele impõe, fazendo com que, os problemas diários ocupem a maior porção do tempo, onde antes era terreno fértil às preocupações escatológicas e transcendentais, ou seja, a vida e a morte, o bem e o mal, a criação e o juízo final, o céu e o inferno, o sagrado e o profano. No mesmo sentido, Bauman assevera que:

As preocupações que tem enchido a vida humana desde o começo da modernidade se relacionam com problemas – e “problemas” são, por definição, tarefas que são cortadas conforme a medida das genuínas ou supostas habilidades humanas, tarefas “sobre as quais se pode fazer algo” ou “sobre as quais se pode e deve descobrir o que fazer” (BAUMAN, 1998, p. 212).

Bauman (1998) define “que nem todas as estratégias do estar no mundo dos seres humanos devem ser fundamentalmente religiosas [...], e que nem todas o foram” (BAUMAN, 1998, p. 212). Assim, é importante considerar que, no modo de compreender a vida e a humanidade atual, nem todas as atitudes dos indivíduos que creem em Deus devam ser fundamentalmente por causa dele ou para ele. Muitas atitudes humanas são, pura e simplesmente, frutos de sua vontade, o que outrossim, era, não raro, confundida, consciente ou inconscientemente, com a vontade divina.

### **Preocupações humanas, ontológicas e escatológicas**

Analisaremos de forma sucinta algumas das preocupações antigas da humanidade como a ideia de Deus, as inquietações sobre a morte e a vida eterna

e os valores morais, tecendo um olhar sobre a mudança de pensamento expressa nas atitudes de indivíduos que creem, a qual expressa um sutil desligamento de Deus nas decisões ou ações da vida cotidiana.

### ***A ideia de Deus***

De acordo com Tersteegen, “um Deus compreendido não é um Deus” (OTTO, 1985, p. 29). Diante disso, Rudolf Otto (1985) atribui ao ser divino características como o numinoso, o tremendo e o mistério: numinoso porque provoca um sentimento humano de ser criatura; tremendo porque é um mistério que faz tremer; mistério porque é qualitativamente diferente, fascinante (OTTO, 1985, p.13-35). Para Eliade “[...] o sagrado é o real por excelência; ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade” (ELIADE, 1992, p. 27).

Desde a antiguidade, reforçava-se a ideia de um Deus criador, onipotente, onipresente e onisciente; o todo-poderoso, que tudo sabe, tudo pode e em tudo está; à ele se submete o universo e tudo o que existe; fascinante e temível; bondoso, porém, vingativo.

Na contemporaneidade, a ideia de Deus vem sendo remodelada e, paulatinamente, esquecida ou ignorada. Diante da fome, da violência e das doenças, por exemplo - relacionadas até pouco tempo como correção divina ou castigo - observa-se, frequentemente, nos discursos daqueles que creem, a predominância da figura de um Deus infinitamente amoroso, misericordioso, compreensivo, conhecedor da insuficiência humana, incapaz de fazer maldades ou causar dores e sofrimentos. Não raro, é perceptível entre os teístas, um certo desapontamento com um Deus injusto e indiferente aos sofrimentos dos seus amados. Pouco a pouco, a imagem de um Deus temível e vingador, que exigia obediência total aos seus mandamentos, vem sendo remodelada. O decréscimo do temor religioso é perceptível no tocante aos mandamentos que já não são amplamente cobrados em grande parte dos discursos tampouco seguidos pelos fiéis.

Na antiguidade imperava a imagem de Deus como um pai providente. Logo, todas as conquistas humanas eram compreendidas como benção ou

providencia divina. Nas atitudes contemporâneas, nota-se um sutil esquecimento de Deus, observável por exemplo, no momento das refeições. Há algumas décadas, antes do almoço e do jantar, a família, reunida em torno da mesa, agradecia a divindade pelo pão de cada dia. Quando não havia a possibilidade de se reunir à mesa, mantinha-se o valor da gratidão à Deus pelo alimento a ser ingerido através da oração individual. Nos tempos atuais em que a reunião familiar, no momento das refeições, é dificultada pela correria do dia a dia, muitos deixaram de fazer até mesmo suas orações individuais. E mesmo quando há a oportunidade de estarem reunidos poucos lembram de agradecer o seu sagrado. Sutilmente, desenvolveu-se no pensamento pós-moderno, a ideia de que, o alimento à mesa não é providência divina, mas fruto do trabalho e do esforço humano. Concordamos com Eliade (1992) que a alimentação para o homem primitivo era um ato religioso de comunhão com o seu sagrado e para o homem moderno, um ato fisiológico, orgânico (ELIADE, 1992, p. 17-18).

### ***Sobre a morte e a vida eterna***

Nossos antepassados, antes de tomarem quaisquer decisões pessoais, familiares ou comerciais, entre outras, refletiam se tal atitude seria agradável a Deus e se os fariam ganhar ou perder a vida eterna. No período moderno, o modo de pensar a morte foi sendo, gradativamente, desmitificado, humanizado, concentrando as inquietações no plano terreno.

A modernidade desfez o que o longo domínio do cristianismo tinha feito – repeliu a obsessão com a vida após a morte, concentrou a atenção na vida “aqui e agora”, redispôs as atividades da vida em torno de histórias diferentes, com metas e valores terrenos e, de um modo geral, tentou desarmar o horror da morte. Seguiu-se então o abrandamento do impacto da consciência da mortalidade, mas – mais essencial ainda – desligando-se esta da significação religiosa (BAUMAN, 1998, p. 217).

“Havendo-se tornado uma ocorrência natural, absolutamente não-misteriosa e até parcialmente administrável, ela [a morte] oferece pouco terreno a rumações escatológicas” (BAUMAN, 1998, p. 219).

A ideia de autossuficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada não prometendo um caminho alternativo para a vida eterna, mas chamando a atenção humana para longe desse ponto; concentrando-se, em vez disso, em tarefas que os

seres humanos podem executar e cujas consequências eles podem experimentar enquanto ainda são “seres que experimentam” – e isso significa aqui, nesta vida (BAUMAN, 1998, p. 213).

A vida após a morte deixou de ser objeto de reflexão diária, inclusive entre os fiéis. O indivíduo que constantemente se preocupava com a hora da sua morte e se Deus o encontraria em estado digno de ser salvo, nos tempos pós-modernos, quase nunca pensa ou não tem tempo para se preocupar com a hora da morte. Esta, considerada pelos crentes como algo divino, misterioso, ocorrido pela vontade de Deus, apresenta-se nos tempos atuais, como uma ocorrência natural, humanamente explicável, de causa comprovável pela medicina, resultado das escolhas do indivíduo.

### ***Sobre os valores***

Sabemos que na sociedade atual, pós-moderna, onde impera o consumismo, o individualismo e o imediatismo, valores como o amor, a paz, a verdade, a justiça, a não-violência, tem sofrido uma constante degradação ou releituras, que tem afetado negativamente a religião assim como as relações humanas.

Aponta Bauman (1998) que:

A pós-modernidade é a era dos especialistas em “identificar problemas”, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de “auto-afirmação”: é a era do “surto de aconselhamento”. Os homens e mulheres pós-modernos, quer por preferência, quer por necessidade, são selecionadores. (BAUMAN, 1998, p. 221).

A humanidade pós-moderna, a todo instante, extrai da vida e da sociedade somente a parte que lhe convém: seleciona o que deseja ler, ouvir, fazer e até com quem conversar.

Nota-se um fechamento cada vez mais galopante, do homem em si mesmo, sobretudo quando há um aparelho eletrônico em mãos. Grande parte dos indivíduos seleciona apenas a parte que lhe interessa na vida pessoal, no trabalho, nos negócios, na religião, na igreja, na bíblia, no discurso do líder religioso, na tradição, na formação acadêmica; seleciona inclusive, a qual igreja



seguirá e pelo tempo que lhe for propício, afinal, todos os dias, surgem e desaparecem instituições religiosas específicas para cada momento da vida como, a igreja do emprego, da cura física, do abandono dos vícios, entre outras.

Afirmou Jean Lacroix que, “é em função de sua vida material e social que o homem, doravante, decide de suas escolhas últimas, e propriamente religiosas” (LACROIX, 1965, p. 30).

Frente ao consumismo, à vaidade e ao exibicionismo, predominantes na sociedade contemporânea, mesmo os que tentam manter suas tradições e valores religiosos, sentem-se pressionados pelo pensamento dominante.

Há algumas décadas, nas cerimônias matrimoniais, escolhia-se padrinhos e madrinhas pelo laço afetivo e pelo modelo de vida conjugal. Hoje, é natural, escolher padrinhos e madrinhas aptos a desfilarem – elegantemente - pelo corredor central, presentear os noivos com algo mais valioso que a massa de convidados, oferecerem uma vaga no mercado de trabalho, assim como, cumular os noivos com uma ascensão profissional ou um aumento salarial. Os critérios baseiam-se, frequentemente, em interesses sociais, políticos ou financeiros. Na vanguarda, ainda que os noivos escolham os candidatos baseados nos critérios de outrora, estes, por se sentirem inferiores ou inadequados ao perfil pós-moderno de padrinho ou madrinha de casamento, constantemente, recusam o convite.

## **CONCLUSÃO**

Diferentemente do que se previam, no século XXI, “o religioso não desapareceu” (MINOIS, 2014, p. 711), embora o ateísmo continue avançando. A religião se reinventou, os deuses ressurgiram, o homem científico continua angustiado e a questão de Deus permanece em discussão.

Evidentemente, as religiões não morreram: algumas parecem até bastante agressivas. Mas o conteúdo dessas religiões foi amplamente secularizado. Nos discursos dos religiosos, Deus está cada vez menos presente; eles tratam sobretudo da realização do homem, do equilíbrio interior, da busca de serenidade ou de um ideal de ajuda mútua, de solidariedade, num plano horizontal. Em outros contextos, a religião é pura arma política, ou uma maneira de criar uma identidade em sociedades angustiadas. Mas Deus, nisso tudo, está cada vez

mais ausente. Isso é ainda mais nítido nos “arranjos religiosos” e nas “religiões *a la carte*” que cada um inventa para si, fora das grandes denominações (MINOIS, 2014, p. 729).

Diante da quantidade de novas instituições religiosas que surgem a cada dia, vemos que, as instituições religiosas estão longe, ou talvez, jamais serão extintas, porque as “estruturas das instituições religiosas, organizadas hierarquicamente, em relação à ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem social” (BORDIEU, 1998, p. 69).

O contexto atual demonstra que o indivíduo religioso tem sutilmente esquecido ou se desligado de Deus, em muitas ocasiões, não mais se referindo, agradecendo ou recorrendo a ele em todos os acontecimentos. A morte, o inferno, o paraíso, que antes tinham ênfase, pouco tem interferido nas escolhas diárias de cada pessoa. Não se trata de ateísmo, mas, é inegável um certo grau de influência ateísta na percepção e visão do indivíduo religioso contemporâneo.

O mundo antigo, impregnado do sagrado, propiciava a lembrança ou a evocação constante da divindade. Nos primórdios da humanidade, religião, ciência, política, economia, arte, entre outras esferas sociais, manifestavam-se de modo coeso. A modernidade e pós-modernidade, em sua racionalidade, cientificismo, laicidade, pluralidade e diversidade, promoveu e continua promovendo uma categorização das esferas da vida social, separando-as. Progressivamente, a religião vem se restringindo à sua própria esfera e o homem, por conseguinte, restringindo seu aspecto religioso nas demais esferas sociais, manifestando sua religiosidade e pensamento religioso - embora um tanto secularizado - basicamente no âmbito da religião, o que não implica abandono total ou negação de Deus.

Concordamos com Lacroix quando afirma que o maior mérito do ateísmo atual é de proceder a uma prodigiosa limpeza intelectual da humanidade, recusando toda idolatria: não quer fazer do homem um deus, mas aceitar integralmente sua humanidade e assumi-la por inteira. Jamais, antes dele, a situação humana havia sido tão esclarecida (LACROIX, 1965, p. 64).

Deus não desapareceu, talvez quem saiba, o período pós-moderno e as influências ateístas despertaram o ser humano para colocar Deus num lugar mais estratégico, no coração do homem.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro - 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LACROIX, Jean. *Posições do ateísmo contemporâneo*. São Paulo: Herder, 1965.

MINOIS, Georges. *História do Ateísmo*. Tradução: Flávia Nascimento Falleiros, 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2014.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.